

A ESCOLHA DE UM MÉTODO DE TAQUIGRAFIA.

Por: Pedro Canuto

Quando acontece o primeiro contato com a taquigrafia, arte de escrever rapidamente e de forma abreviada, não é evidente que existe uma variedade de métodos taquigráficos, cada qual com características peculiares, mas que não os tornam melhor ou pior que os demais. Digo isto por experiência própria, já que conheci a taquigrafia através do site “taquigrafia-em-foco” e assumi que o método Maron era o único existente. Nesse ponto, senti falta de uma informação preciosa, e que gostaria de compartilhar neste artigo: a escolha de um método de taquigrafia é decisiva, e, uma vez feita, dificilmente poderá ser mudada.

Comecei o curso online do Professor Waldir Cury, e durante o estudo dos sinais iniciais e terminais, descobri a existência de outros métodos. Tomei um susto! Naquela época eu estava sofrendo um desestímulo bastante comum no meio do estudo da taquigrafia, que é causado pela dificuldade de tradução e pela evidenciação de que algumas palavras simplesmente possuem um traçado difícil ou fogem à regra usual do método Maron. Imaginem um estudante desestimulado, deparando-se com um novo universo de características taquigráficas que poderiam te ajudar e percebendo o quanto elas se encaixam perfeitamente para reduzir o traçado dos taquigramas... E falando em traçado, também chamou atenção a menor quantidade de sinais básicos e a lógica sonora que faz tornar isso possível. Da mesma forma, imaginem o quanto a presença de sinais representativos de vogais poderiam ajudar a traduzir uma palavra! Agora sempre irei saber se estou escrevendo “de” ou “da”, “até” ou “ata”, “bebi” ou “bebo”! Tudo isso me fez desviar do estudo do método Maron.

Não demorou muito até que eu percebesse que minha mente já estava totalmente condicionada aos sinais do método Maron. Não havia como eu escutar a sílaba “tê” e querer escrevê-la como se fosse outro sinal. Não poderia jamais escutar a terminação “mente” e querer escrevê-la de forma diferente da já aprendida. E, mais importante, como lidar com a hesitação causada pela confusão entre os dois métodos?

Recondicionar a mente é algo muito difícil de fazer, especialmente com o sofisticado mecanismo psicomotor tanto exigido pela taquigrafia.

Diante de uma sensação de frustração por pensar que eu havia aprendido o método errado, parei de estudar a taquigrafia. Depois de alguns meses, a ficha caiu e por um motivo mais simples do que se possa imaginar: nenhum método é perfeito, tendo cada um suas vantagens e desvantagens. “Esterilização”, “investigação”, “interceptar”, “internação” e tantas outras palavras são muito simples de serem traçadas no método Maron! Este método oferece uma redução de tamanho nos taquigramas de uma forma elegante. Possui um som consonantal único, que não gera ambiguidade. Exige um traçado mais simples nas palavras, sem muitas “voltas”. E principalmente por que ele tem maior afinidade com minha linha de pensamento. Ele oferece tudo isso apesar de não ser perfeito, e assim, não restou dúvidas: este é o método que devo continuar estudando e assim estou fazendo.

A escolha de um método de taquigrafia é algo que deve ser feito uma única vez, definitivamente. A principal consequência de “passeios” em outros métodos é a confusão mental que irá gerar e a repercussão psicomotora dela. Recomendo que os leitores procurem ter uma visão geral do método que estão escolhendo, e saibam antecipadamente suas características de forma a fazer uma escolha acertada e que tenha afinidade com sua linha de pensamento. Aqui, já deixo uma dica: se você for bom no “jogo da força”, provavelmente você irá se dar bem no método Maron. Você consegue formar alguma palavra a partir de C_N_T_?

Bons estudos!
